

SARAMAGO OU OS NOMES¹

Dizia Wittgenstein, um conhecido filósofo citado por José Saramago, em epígrafe, num dos seus romances,² que o sentido de uma palavra é o uso que dela fazemos. Como tal, há certos modos de dizer, certas palavras cujo uso se vai tornando para nós cada vez mais estranho e menos familiar, como se fizessem parte de uma forma de vida que não é a nossa, ou de um jogo que já não sabemos jogar, com regras que mal conhecemos, ainda que, por outro lado, visto que permanecem na espuma da linguagem que nos banha, nos seja difícil, senão mesmo impossível, livrarmo-nos delas. Ou seja, como diz Saramago, são modos de falar que se nos pegam à linguagem e que continuamos a usar mesmo depois de se terem desviado há muito do sentido original.³

Um desses modos de falar é, sem dúvida, a palavra Deus. Ela parece tão conatural à linguagem que ainda não conseguimos livrar-nos dela, se bem que, por outro lado, não saibamos já, muitos de nós, para o que ela serve.

Saramago, apesar de profundamente agnóstico, tende a reafirmar constantemente a impossibilidade de dizer-se ateu, ou de dizermo-nos ateus, pois, como justifica, o ateu autêntico seria alguém que vivesse numa sociedade onde nunca tivesse existido uma ideia de Deus (...) e, portanto, nem sequer a palavra ateu existiria nesse idioma. Sem Deus, não poderia existir a palavra ateu nem a palavra ateísmo.”⁴ Dizendo de outro modo, enquanto acreditarmos na Linguagem, no poder do Verbo, continuaremos, de um modo ou de outro, a ser “crentes”. “Quando se acabar a humanidade, deixará de haver Deus porque não haverá ninguém para dizer Deus ou pensar nele.”⁵

Uma das saídas - é pelo menos a que Saramago parece adotar - seria prescindir de Deus, ao nível da crença, na condição de servir-se dele como tema. Eis, talvez, o que justifica a repetição, para não dizer a «obsessão», e o carácter recorrente do mesmo ao longo de praticamente toda a sua obra. Deus é um sintoma recorrente na obra de Saramago, no sentido preciso em que Lacan dizia, nos últimos anos do seu ensino, que um sintoma é o que não cessa de se escrever. Não digo que este seja, necessariamente, um sintoma de Saramago,⁶ mas antes um sintoma a que Saramago volta de forma insistente e continuada em diversos momentos e de variadas formas; um sintoma que resulta do facto de que o nome de Deus ainda não deixou de andar, como se diz, nas bocas do mundo. «As pessoas quando nascem encontram Deus, fala-se de Deus, ninguém sabe o que isso é e vão vivendo assim».⁷ Não parece, pois, pelo menos de momento, que o nome de Deus esteja em risco de desaparecer, pelo menos da fala e da linguagem. Como

¹ Uma versão ligeiramente diferente deste texto foi originalmente publicada em *Afreudite – Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada*. Ano II, 2006, nº ¾, pp. 107 – 117 e PEREIRINHA, F., *Passagens: da literatura à psicanálise, via direito*. Florianópolis: Empório do Direito, 2016.

² Cf. SARAMAGO, José. *As Intermitências da Morte*. Lisboa: Caminho, 2005.

³ Cf. SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 213.

⁴ ARIAS, Juan. José Saramago: o amor possível. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p. 98; ver também REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998, p. 142.

⁵ ARIAS, Juan. *Ibidem*, p. 100.

⁶ «Alguém pode dizer: ‘Bom, você, afinal, preocupa-se muito com Deus; lá no fundo da sua mente ou do que quer que seja, você é um crente». Não, sinceramente, não penso que o seja. Não vou agora dizer redondamente que esta é uma guerra de mim com algo que nego, mas que, no fundo, uma vez que é assim, nego uma existência que está presente em mim, mas que eu quero expulsar de mim. Não creio que seja assim. Vivi sempre fora de qualquer educação religiosa, nunca tive, em nenhum momento da vida, uma crise religiosa, portanto tenho levado isto pacificamente, sem sofrer as torturas da dúvida. Para mim, sempre foi muito claro: Deus não existe.” REIS, Carlos – op. cit., pp. 144-145

⁷ REIS, Carlos. Op. cit., 143.

se tem visto pelo aumento, nos últimos anos, do fanatismo religioso em certas regiões do mundo, mais do que ao declínio de uma «ilusão», como pretendia Freud, temos vindo a assistir ao seu «triumfo», segundo Lacan.⁸

Num outro domínio, aparentemente diverso, há uma palavra sobre a qual poderíamos dizer, com as devidas ressalvas, algo semelhante ao que dissemos de Deus: a palavra pai. Também neste caso, ainda não conseguimos desfazer-nos dela, como se não tivéssemos, até hoje, inventado nada de melhor, se bem que, ao mesmo tempo, pareça que já não sabemos muito bem o que fazer com isso, como se algo aqui estivesse em risco de desaparecer ou, pelo menos, de ser substituído por outra coisa que não sabemos ainda claramente o que seja ou o que possa vir a ser; o que nos leva a concluir que o pai se afigura cada vez mais, também ele, como um sintoma.⁹

Na verdade, talvez seja necessário relativizar um pouco as coisas, visto que o problema, em vez de ser de agora e resultar unicamente das condições socioeconómicas e técnico-científicas vigentes – mesmo que estas não deixam de ter a sua importância –, resultaria antes, e primordialmente, de um fenómeno mais estrutural e, por isso, mais antigo e recorrente: o facto de que a natureza (ou a biologia, para usar o termo científico) não é capaz de responder inteiramente à questão da paternidade (o que é um pai?) e da respetiva função (para que serve?), deixando, por assim dizer, um resto de incerteza no ar, mesmo quando, biologicamente falando, as coisas são claras.

Uma boa ilustração disto é uma passagem do *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, quando, a certa altura, Maria interroga o anjo que a visita nos seguintes termos: «É há a certeza, o que se chame certeza, de que tenha sido mesmo a semente do Senhor que engendrou o meu primeiro filho». ¹⁰ À pergunta, o anjo responde: «Bom, a questão é melindrosa, o que tu estás a pretender de mim é, sem tirar nem pôr, uma investigação de paternidade, quando a verdade é que, nestes conúbios mistos, por muitas análises, por muitos testes, por muitas contagens de glóbulos que se façam, certezas nunca as podemos ter absolutas.»¹¹

Que este modo de dizer as coisas não seja uma simples flor de retórica, mas tenha a ver com algo de mais essencial, no que à questão da paternidade diz respeito, mostra-o uma outra passagem, um pouco mais à frente, desta vez pela boca do próprio Jesus que interroga Deus nos seguintes termos: «E estando as sementes misturadas, como podes estar certo que sou teu filho», ao que Deus responde: «É verdade que nestes assuntos, em geral, não é prudente mostrar certeza, ainda menos absoluta, mas eu tenho-a, de alguma coisa me serve ser Deus.»¹²

É como se Deus tivesse servido, sobretudo na tradição judaico-cristã, para dar conta do mistério da paternidade, aí onde a natureza ou a biologia fracassam, ou deixam um resto de incerteza, ao não conseguirem resolver cabalmente a questão e demonstrando, pelo contrário, um desfazamento ou uma discordância entre soma (o real) e psique (o simbólico) da mesma.

Como se o nome de Deus fosse, por derivação, um dos nomes do «pai», um heterónimo, como Saramago chega a dizer no Evangelho, numa clara alusão à heteronímia pessoana, não sem uma ponta de ironia, para não dizer cinismo: «Talvez este Deus e o que há-de vir não sejam mais do que heterónimos, De quem, de quê, perguntou curiosa outra voz, de Pessoa, foi o que se

⁸ Cf. LACAN, Jacques, *Le Triomphe de la Religion*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

⁹ «O pai é um sintoma.» Cf. LACAN, Jacques (1975- 1976). *Le Séminaire, Livre XXIII: Le Sinthome*. Paris: Éditions du Seuil, 2005, p. 19.

¹⁰ SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991, p. 312.

¹¹ SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 312.

¹² SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 367.

percebeu, mas também podia ter sido, da Pessoa».¹³ A não ser que consideremos, de um modo porventura ainda mais radical, que o próprio nome do pai, que todos os nomes do pai, aliás, são também heterónimos, isto é, outros nomes do sujeito e do sintoma que o afeta, o que parece ser também uma das possibilidades de entender a frase de Saramago. Nessa medida, a equivalência estabelecida finalmente por Lacan entre o pai e o sintoma, afirmando que «o pai é uma sintoma», poderia ler-se, pelo menos, de duas maneiras: ou que o sintoma é um dos nomes do pai ou então, segundo creio, que o pai é, tão só, um dos nomes do sintoma. Nessa medida, mesmo se tudo é provisório e passa sem remédio, tanto os deuses como os homens,¹⁴ sabendo nós, cada vez menos o que é um ser humano, como diz o próprio Saramago numa das epígrafes do romance *Intermitências da Morte*, há algo que tende a permanecer constante: o sujeito tendo de lidar, melhor ou pior, com o sintoma que o habita. Entre as «estátuas» do pai e de Deus, poderíamos dizer, parafraseando saramago, há a «pedra» do sintoma.¹⁵

Para resolver a incerteza que parece estar ligada, de forma não simplesmente contingente mas estrutural, à questão da paternidade, evitando a angústia que tal incerteza implica, a solução não tem passado apenas pela divinização (segundo a perspetiva judaico-cristã) ou pluralização do pai (a diferença, por exemplo, entre um pai real, do mundo, e um pai simbólico, do céu¹⁶), mas também, segundo aquela que parece ser a tendência cada vez mais atual, pela *maternagem*, digamos assim, da função paterna. Parece haver cada vez menos diferença, ao nível da representação social, entre um pai e uma mãe. À questão, sempre incómoda, por vezes angustiante, sobre o que é um pai ou – cada vez mais – para que é que isso serve, num tempo em que a tecnociência tende a fazer as vezes do parceiro real, a resposta é: uma mãe. Um pai é, no fundo, uma mãe, que trata de um filho como uma mãe, que cuida, que dá amor e afeto. Como dizia o meu filho há alguns anos atrás, quando tinha apenas quatro anos: «Ó mãe, se tu morreres, eu não deixo de ter mãe, pois não», querendo ele significar com isso, como se percebeu depois, pelo contexto, que, nesse caso, eu, o pai, faria as vezes da mãe.

Não é mal visto e está, aliás, bastante em dia com o ar do tempo. Seja como for, quer se divinize, pluralize ou maternalize a função paterna, esta, pelo seu carácter não natural – daí que a mãe, como se diz, seja certa, enquanto o pai é incerto – não deixa de fazer sintoma. O pai é um sintoma do sujeito ou para o sujeito. Daí que o título com que José Luís Peixoto decidiu homenagear o seu próprio pai, quando este faleceu, título que, se não estou em erro, o fez nascer como escritor, conjugue tão bem esse elo que há não só entre um pai e um filho, mas também entre um sujeito e o seu sintoma: *morreste-me*.¹⁷ *Morreste-me* é um dos nomes do pai, e o nome por excelência, neste caso, na medida em que o pai, ele mesmo, é um dos nomes do sintoma do sujeito.

Um sintoma é, por assim dizer, «uma ferida na alma». A expressão é de Saramago que, a páginas tantas do Evangelho, fala de um rapaz, Jesus, que vai a caminho de Jerusalém, como ele próprio diz, com uma ferida na alma que o simples hábito de viver não consegue sarar, buscando cicatrizá-la ou então multiplicar as feridas até fazer, com todas elas juntas, uma única e definitiva dor.¹⁸ Em jeito de comentário, o narrador acrescenta o seguinte: «Porventura parecem tais suposições inadequadas, não só à pessoa, mas também ao tempo e ao lugar, ousando imaginar sentimentos modernos e complexos na cabeça de um aldeão palestino nascido

¹³ SARAMAGO, José. op.cit., p. 389.

¹⁴ Cf. SARAMAGO, José. *As Intermitências da Morte*, op. cit., p. 174.

¹⁵ Cf. SARAMAGO, José, *A estátua e a pedra*. Lisboa: fundação José Saramago, 2013, pp. 17-43.

¹⁶ «(...) Julgava saber, julgava que era filho de meu pai, A que pai te referes, Ao meu pai, ao carpinteiro José (...), não pensava que houvesse outro (...)» SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, op. cit., p. 365.

¹⁷ PEIXOTO, José Luís. *Morreste-me*. 6ª ed., Lisboa: Temas & Debates, 2004.

¹⁸ SARAMAGO, José. op. cit., p. 200.

tantos anos antes de Freud, Jung, Groddeck e Lacan terem vindo ao mundo», mas o nosso erro, conclui o narrador, (...) não é nem crasso nem escandaloso, se tivermos em conta o facto de abundarem, nos escritos de que estes judeus fazem o alimento espiritual exemplos tais e tantos que nos autorizam a pensar que um homem, seja qual for a época em que viva ou tenha vivido, é mentalmente contemporâneo doutro homem de uma outra época qualquer.»¹⁹

Deixemos de lado Jung e Groddeck e vejamos o que Freud e Lacan têm a dizer sobre a questão.

Ao longo de toda a sua obra, Freud não deixou de dar conta do carácter sintomático do pai, a ponto de não ser inteiramente descabida a questão seguinte: será o pai também um sintoma de Freud? A sua «rocha», digamos, impossível de remover do caminho?

O trajeto de Freud em torno da questão paterna começa com um mito: *Totem e Tabu*.²⁰ O mito é uma certa maneira de dizer a «verdade» através da ficção.²¹ Como dizia Jean Cocteau, algures, a história é feita de verdades que pouco a pouco se tornam mentiras enquanto a mitologia é feita de mentiras que se transformam em verdades. Totem e Tabu é, assim, um mito – e é como tal, em meu entender, que ele deve ser lido, hoje – uma maneira de dizer algo relativo à verdade, por exemplo, da função paterna relativamente à qual a natureza e a biologia deixam um resto «indecidível».

Mas o pai de Totem e Tabu (o que goza) não é exatamente o mesmo que o pai do Édipo e da castração (o que interdita, no sentido em que, proibindo o gozo, permite o desejo)²² ou, finalmente, o pai fundador ou criador da lei (Moisés e Monoteísmo). São diferentes maneiras de tentar responder à pergunta: o que é um pai, ou, então, como é que isso se usa ou para que serve.

A questão do pai, mais ou menos ligada à questão de Deus, não para de insistir, de se escrever, de repetir-se nos escritos de Freud – sendo, nessa medida, um sintoma –, como se ele tentasse a todo o custo salvar um pai que começava a estar, de alguma forma, em risco, designadamente na família moderna.

Uma das características da família moderna, segundo Lacan, consiste precisamente no «declínio da *imago* do pai», sempre carente, humilhada, dividida ou artificial.²³ Mais tarde, quando inventa o Nome-do-pai, Lacan parece estar a responder ao declínio desta *imago* paterna e aos efeitos sintomáticos que um tal declínio provoca no sujeito, mas também a responder simbolicamente, isto é, ao nível da fala e da linguagem, ao sintoma de Freud em torno da questão da paternidade.²⁴ Lacan pensa que, aí onde Freud colocara o mito, é o «matema» ou a estrutura que devem reinar.

Que a questão tenha algo a ver com o «pai» da psicanálise, prova-o a lição inaugural de um seminário subitamente interrompido em 20 de Novembro de 1963 dedicado aos Nomes do Pai.²⁵ Aí se interroga o desejo e o gozo de vários pais da tradição, entre os quais se encontram Deus e – é preciso dizê-lo – do próprio Freud, não fosse este estar a converter-se, para alguns dos seus

¹⁹ SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 200.

²⁰ FREUD, Sigmund. *Totem et Tabou*. Paris: Payot, 2004.

²¹ «O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade (...)». Cf. LACAN, Jacques. *O Mito Individual do Neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p. 47.

²² Como escreve Lacan no final do texto *Subversão do sujeito e dialéctica do desejo*: “a castração significa que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da lei do desejo”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 841.

²³ Cf. LACAN, Jacques. *A Família*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p. 62.

²⁴ LACAN, Jacques. “De uma questão preliminar a todo o tratamento possível da psicose”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, pp. 537-590.

²⁵ LACAN, Jacques. « Introduction aux Noms-du-Père ». In *Des noms-du-père*. Paris: Éditions du Seuil, 2005, pp. 67-104.

seguidores, pelo menos, num novo deus e a psicanálise numa nova igreja.²⁶ Essa mesma Igreja que o iria «excomungar», segundo o termo que o próprio Lacan utiliza na lição inaugural do Seminário XI, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.²⁷

A pluralização dos nomes do pai implica, inevitavelmente, uma dessacralização do mesmo. Como Lacan escreverá mais tarde, num pequeno texto de 1974, já na última fase do seu ensino: « (...) o pai tem tantos e tantos [nomes] que não há Um que lhe convenha, senão o nome do nome do nome. Não há nome que seja o seu Nome-Próprio, senão o nome como ex-sistência.»²⁸

É por isso que o nome do pai, finalmente, pode ser reduzido a um equívoco literal, o que levará Lacan a escrever, no Seminário de 1974-75, *Les non-dupes errent*, o que tanto pode ser lido como «os nomes do pai» ou, em alternativa, como «os não-iludidos erram», fazendo-se ouvir, em qualquer dos casos, a letra R, de *Real*. Há, assim, um movimento que vai do pai à letra, ou do simbólico ao real. É esta a torção efetuada por Lacan. E nada é mais real, para o sujeito, que o seu sintoma. É nesta medida que podemos afirmar, como dissemos antes, que o pai é um sintoma para sujeito. Ou um sintoma do sujeito?

O pai, na tradição judaico-cristã, chama-se Deus e escreve-se com letra maiúscula para assinalar que se trata de um nome próprio. Ora, como escrever o nome de Deus se não há nome próprio que lhe convenha, como assinalava Lacan a respeito do pai?

Saramago parece ter encontrado a solução para esta pergunta no romance, *As Intermittências da Morte*, ao escrever o nome de Deus sempre com letra minúscula, ou seja, rebaixando o nome próprio à categoria de nome comum.

É num livro anterior, uma peça de teatro – *In Nomine Dei* – que Saramago põe na boca de uma das personagens a seguinte pergunta: «E se Deus não é mais do que o nome que tem?»²⁹ Na verdade, a resposta já tinha sido dada um pouco antes, pela voz da mesma personagem que formula a questão (Heinrich Gresbeck), o que mostra até que ponto uma questão nasce, muitas vezes, de uma resposta prévia. Dizia ele: «Deus talvez não seja católico, talvez não seja protestante, talvez não seja senão o nome que tem.»³⁰

A questão desloca-se, assim, de Deus para o nome. Deus é apenas, para Saramago, um nome entre os demais. Na série constituída por *Todos os nomes* (título de um conhecido romance), de que fazem parte, no limite, tanto o nome dos vivos como dos mortos, Deus é apenas um deles.³¹ Aliás, o gosto pela enumeração dos nomes é antigo; ele está já presente, por exemplo, no *Manual de Pintura e Caligrafia*, um ensaio de romance, como o próprio Saramago intitulou a primeira edição, onde se assiste, de alguma forma, ao «nascimento» do escritor. A certa altura, depois de dizer que qualquer nome deixa um vazio, que não há nome para S., letra do retrato que o protagonista deste romance pinta para si mesmo, Saramago – e digo Saramago porque o

²⁶ “Desde há muito, o nome de Freud não cessou de tornar-se mais inoperante. Então, se a minha marcha é progressiva, se é mesmo prudente, não é porque eu procuro incentivar-vos contra a vertente onde a psicanálise ameaça sempre escorregar, quer dizer, a via da impostura.” Cf. LACAN, Jacques. *Ibidem*, p. 103.

²⁷ LACAN, Jacques (1964). Livro XI, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil (Points – Essais), 1990. Poderíamos hoje, talvez – *mutatis mutandis* – colocar a mesma questão relativamente a Lacan e aos seus seguidores, isto é, à tendência, por parte de alguns, em divinizar um certo Lacan ou um momento específico do seu ensino (mais ligado ao *imaginário*, ao *simbólico* ou ao *real*), como se esse momento fosse o todo de Lacan ou constituísse a sua verdade mais genuína, esquecendo que o próprio Lacan não cessou jamais de *devenir* ao longo de todo o seu ensino.

²⁸ LACAN, Jacques. «O despertar da primavera». In *Shakespeare, Duras Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989, p. 133.

²⁹ SARAMAGO, José. *In Nomine Dei*. 4ª edição. Lisboa: Caminho, 1998, p. 140.

³⁰ SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 138.

³¹ SARAMAGO, José – *Todos os Nomes*. Lisboa: Caminho, 1997.

próprio confessa que este é o mais autobiográfico de todos os seus romances³² – faz uma longa enumeração, como se quisesse, através de um movimento vertiginoso, recuperar metonimicamente o que diria enfim o nome de S (esse). Saramago joga aqui com o equívoco sonoro da língua, primeira letra de: Sá Saavedra Sabino Sacadura Salazar Saldanha Salema Salomão Salústio Sampaio Sancho Santo Saraiva Saramago Saul Seabra Sebastião Secundino Seleuco Semprônio Sena Séneca Sepúlveda Serafim Sérgio Serzedelo Sidónio Sigismundo Silvério Silvino Silva Sílvio Sisenando Sísifo Soares Sobral Sócrates Soeiro Sófocles Solimão Soropita Sousa Souto Suetónio Suleimão Sulpício...E poderíamos acrescentar, entre Sousa e Saramago, nomes que aparecem dispersos na série de todos os nomes começados pela letra S, o nome de sujeito e de sintoma, também eles começando pela mesma letra.

O gosto pela enumeração, desta vez de operários,³³ como se a pergunta em torno do que é um nome ou qual a relação entre um nome e a coisa nomeada interpelasse constantemente o autor,³⁴ prossegue no Memorial do Convento, desde a primeira letra do alfabeto (A) até à última (Z), «como se cada um deles representasse todos os nomes começados por aquela letra».³⁵ Parece haver, assim, uma oscilação, uma tensão permanente entre o nome e a letra.³⁶ Saramago chega até a dizer que um nome fixa o movimento da letra, enche o vazio da sua indeterminação. A escrita, no seu movimento infinito, que não cessa de escrever, procuraria «moer os sons que são os nomes (...) para reconhecer (...) o vazio»³⁷ que os habita, a «coisa sem nome que nós somos»,³⁸ ou, então, como diz Saramago em *Intermitências da morte*, de um modo mais cru, colocando um objeto no lugar da coisa, o «fiozinho de merda a ponto de se dissolver» que nós somos na convulsa realidade do universo.³⁹

Poderíamos cair na tentação psicológica de fazer um exercício do género psico-biográfico, tentando ver aqui o reflexo de um qualquer incidente da vida real que tivesse determinado, por si só, esta obsessão com o nome. Saramago não deixa, aliás, até certo ponto, de nos facilitar essa via, ao afirmar que na base, em particular do primeiro dos três romances atrás referidos, estiveram duas razões pessoais, ambas relacionadas com um certo elemento de falsidade em torno do que não é. «E o que não é, explica Saramago, consistia nisto: eu nasci efetivamente no dia 16 de Novembro de 1922; no registo do meu nascimento está 18, algo, portanto, que não é verdade. Eu devia chamar-me simplesmente José de Sousa, porque assim o meu pai julgou que me tinha registado, na Conservatória do registo Civil da Golegã; e, sete anos depois, quando eu entro na escola e o meu pai tem de pedir uma certidão de nascimento minha, ele descobre com assombro que o filho se chama José de Sousa Saramago, porque o empregado do registo Civil tinha, por sua conta e risco, acrescentado ao nome a alcunha da família.»⁴⁰

Porém, desenganam-se os que gostam de brincar ao psicólogo com a obra de arte, pois, tal como Saramago adverte, «sou o menos autobiografista dos romancistas».⁴¹ É verdade que ele não

³² Segundo uma ideia recorrentemente afirmada. Ver, por exemplo, REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*, op. cit.

³³ SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho, 1982, p. 242.

³⁴ Cf. SARAMAGO, José. *Intermitências da morte*, op. cit., p. 152: «As palavras são rótulos que se pegam às coisas, não são as próprias coisas, nunca saberás como são as coisas, nem sequer que nomes são na realidade os seus, porque os nomes que lhe deste não são mais do que isso.»

³⁵ REIS, Carlos. op. cit., p. 84.

³⁶ REIS, Carlos. op. cit., p. 84.

³⁷ Heloísa Caldas explorou esta via com base no conhecido romance de Saramago *Todos os Nomes*. Cf. CALDAS, Heloísa. «A letra em Todos os Nomes». *Opção Lacaniana. Revista brasileira internacional de psicanálise*. nº 32. São Paulo: Edições Eólia, Dezembro 2001

³⁸ Cf. SARAMAGO, José. *Manual de Pintura e Caligrafia*, op. cit., p. 58.

³⁹ REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*, op. cit., p. 88.

⁴⁰ SARAMAGO, José. *Intermitências da Morte*, op. cit., p. 182.

⁴¹ REIS, Carlos. *Ibidem*, p. 39.

⁴² SARAMAGO, José. *Ibidem*, p. 130.

cessa de repetir que vive para dizer quem é, que vivemos para dizermos quem somos;⁴² todavia, essa é uma busca desesperada, condenada a encontrar a ficção lá onde supomos que reside a verdade; eis o que faz dizer a Saramago «que nós próprios somos seres de ficção.»⁴³

É num outro sentido, então, menos autobiográfico, que devemos entender estas palavras de Saramago: «eu sou – dizia ele numa entrevista a Juan Arias – a matéria principal dos meus romances».⁴⁴ O autor esclarece numa outra entrevista, concedida desta vez a Carlos Reis, que «há dentro de nós uma coisa que não tem nome e essa coisa é o que nós somos».⁴⁵ É em torno dessa «coisa», desse vazio central e exterior ao sujeito que pode nascer, por exemplo, um «estilo», uma maneira singular de dizer e de fazer. «Se alguma coisa me preocupa – dizia Saramago a Carlos Reis – é que, venha de onde vier esse estilo ou esse modo de narrar e sobretudo esse modo de dizer, é que qualquer pessoa, lidas duas linhas minhas, diga, «isto é de fulano.»⁴⁶

É, finalmente, um estilo inconfundível,⁴⁷ um modo singular de dizer e pontuar, que levanta do chão um nome herdado por engano e o transforma em nome maior e reconhecido da literatura mundial, cumprindo-se, assim, o que o autor afirmava numa crónica de 1973: «Entendo que cada um de nós é, acima de tudo, filho das suas obras, daquilo que vai fazendo durante o tempo que cá anda».⁴⁸

O estilo, filho de Saramago, é também, por conseguinte, o verdadeiro pai do seu nome. E isso dá-nos uma outra ideia do sintoma: não apenas como o nome de um problema, mas também de uma solução. De tal forma que Lacan teve inventar um neologismo para dizer isso: *sinthoma*.⁴⁹

⁴² Cf. REIS, Carlos. Ibidem pp. 99, 110, 130, 138 ARIAS, Juan - op. cit., p. 21.

⁴³ RESIS, Carlos. Ibidem, p. 87.

⁴⁴ ARIAS, Juan. op. cit., p. 51.

⁴⁵ REIS, Carlos. Ibidem, p. 88.

⁴⁶ REIS, Carlos. op. cit., p. 100.

⁴⁷ «Acabei por me decidir a escrever o livro (*Levantado do Chão*), sabia o que queria contar, mas aquilo não me agradava, havia uma resistência em escrever o livro: mas comecei a escrevê-lo, fui até à página vinte e tal e de repente, sem reflectir, sem pensar, sem planear, sem ter posto de um lado os prós e do outro lado os contras, achei-me a escrever como escrevo hoje» REIS, Carlos – op. cit., p. 42

⁴⁸ SARAMAGO, José. *A Bagagem do Viajante*. 3ª edição, Lisboa: Caminho, 1988.

⁴⁹ Cf. LACAN, Jacques, *Le Séminaire*, Livre XXIII, *Le Sinthome*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.